



PERCEPÇÃO DE MÃES ACERCA DA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM DOENÇA CRÔNICA

PERCEPTION OF MOTHERS ABOUT THE SCHOOL INCLUSION OF CHILDREN WITH CHRONIC DISEASE

PERCEPCIÓN DE MADRES ACERCA DE LA INCLUSIÓN ESCOLAR DE NIÑOS CON ENFERMEDAD CRÓNICA

Maria Benegelania Pinto¹, Camila Carla Dantas Soares², Nathanielly Cristina Carvalho de Brito Santos³, Erika Acioli Gomes Pimenta⁴, Altamira Pereira da Silva Reichert⁵, Neusa Collet⁶

RESUMO

Objetivo: compreender como as mães percebem o papel da escola na inclusão de crianças com doenças crônicas. **Método:** estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com seis mães cadastradas em unidades de saúde da família. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas e analisados pela técnica de Análise de conteúdo na modalidade Análise Temática. **Resultados:** as mães compreendem que a doença dos filhos impõe limitações e dificuldades para a permanência na escola, que, por sua vez, ainda não oferece condições necessárias à adaptação e inclusão dos mesmos. **Conclusão:** torna-se premente analisar as necessidades das crianças e adaptar projetos pedagógicos compatíveis com as condições educacionais de cada uma a fim de que tenham o seu direito à educação garantido e efetivação da sua cidadania. **Descritores:** Doença Crônica; Inclusão Escolar; Enfermagem Pediátrica.

ABSTRACT

Objective: to understand how mothers perceive the role of the school in the inclusion of children with chronic diseases. **Method:** an exploratory-descriptive study, with a qualitative approach, carried out with six mothers enrolled in family health units. The data were produced using semi-structured interviews and analyzed by the technique of Content Analysis in the Thematic Analysis modality. **Results:** Mothers understand that their children's illness imposes limitations and difficulties for their stay in school, which, in turn, does not yet provide the necessary conditions for their adaptation and inclusion. **Conclusion:** it becomes urgent to analyze the needs of children and adapt pedagogical projects compatible with the educational conditions of each one so that they have their right to guaranteed education and effective citizenship. **Descriptors:** Chronic Disease; School Inclusion; Pediatric Nursing.

RESUMEN

Objetivo: comprender como as mães percebem o papel da escola na inclusão de crianças com doenças crônicas. **Método:** estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com seis mães cadastradas em unidades de saúde da família. Os dados foram produzidos por a partir de entrevistas semiestruturadas e analisadas pela técnica de Análise de conteúdo na modalidade Análise Temática. **Resultados:** as mães compreendem que a doença dos filhos impõe limitações e dificuldades para a permanência na escola, que, por sua vez, ainda não oferece condições necessárias à adaptação e inclusão das mesmas. **Conclusão:** torna-se premente analisar as necessidades das crianças e adaptar projetos pedagógicos compatíveis com as condições educacionais de cada uma, a fim de que tenham o seu direito a educação garantido e efetivação da sua cidadania. **Descriptores:** Las Enfermedades Crónicas; La Inclusión Escolar; Enfermería Pediátrica.

¹Enfermeira, Professora Mestre em Enfermagem, Curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco/UFPE - Campus de Vitória de Santo Antão. Vitória de Santo Antão (PE), Brasil. E-mail: benegelania@yahoo.com.br; ²Enfermeira (egressa), Universidade Federal de Campina Grande/UFCG - Campus Cuité. Cuité (PB), Brasil. E-mail: camilacarla.soares@hotmail.com; ³Enfermeira, Professora Mestre, Especialista em Serviços de Saúde Pública, Curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande/UFCG - Campus Cuité (PB), Douroranda, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: nath-cris@hotmail.com; ⁴Enfermeira, Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente, Professora do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: erikacioli@gmail.com; ⁵Enfermeira, Professora Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente, Graduação/Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: altreichert@gmail.com; ⁶Enfermeira, Professora Doutora em Enfermagem, Curso de Graduação/Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: neucollet@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na infância, as doenças crônicas mais comuns são a asma, as desordens alérgicas, digestivas, do sistema nervoso central e a epilepsia. Condições que fragilizam a criança pelas necessidades de visitas ao médico, tratamento prolongado, hospitalização e diversas restrições. Além da rede de saúde institucional (postos, centros de saúde e hospitais), essa situação requer a existência de uma rede de apoio social, como vizinhos, serviços e escola, que lhe transmita acolhimento, confiança e segurança, para garantia de humanização e criação de vínculos na tentativa de favorecer mais adaptação às especificidades da doença, um cotidiano menos hostil e uma melhor qualidade de vida.¹

A escola compreende um cenário ideal para oportunizar as primeiras experiências de socialização, bem como ampliá-las, contribuindo para o desenvolvimento das potencialidades da criança.² Independente das limitações relacionadas às doenças crônicas, faz-se necessária a inclusão social desta no âmbito da escola, sobretudo aquelas em idade escolar, contudo assistir os alunos com doenças crônicas, em suas mais diversas necessidades especiais, tem sido um grande desafio enfrentado pelas escolas. Nesse sentido, essas crianças têm sido menos contempladas no processo de ensino-aprendizagem em relação aos demais, além de não terem suas especificidades de saúde respeitadas, como ausência escolar frequentes devido a recidivas clínicas e/ou hospitalizações repetitivas.³ Com isso, essas crianças apresentam vulnerabilidades nas relações com seus pares e no desempenho escolar, tendo em vista o absentismo imposto pelas demandas de saúde.⁴⁻⁵ Desse modo, a escola e a equipe de saúde precisam estar preparadas para planejar e adaptar as atividades às especificidades das crianças a fim de contribuir para seu sucesso social e acadêmico. Há ainda que considerar a estimativa de que, para o ano de 2020, 80% da carga de doenças dos países em desenvolvimento serão provenientes de doenças crônicas, estando entre essa porcentagem o aumento no número de crianças acometidas.⁶

Dentre as dificuldades vivenciadas na escola está a identificação das necessidades dessas crianças, uma vez que podem estar mais suscetíveis a dificuldades de aprendizado, sociais e emocionais,⁷ logo demandarão conhecimento e habilidade dos profissionais e oferta de condições adequadas

para que possam desenvolver suas competências e exercer papéis no contexto familiar, escolar e social. Estudo realizado com professores mostram que os mesmos se sentem despreparados para lidar com os alunos com necessidades especiais, visto que não tiveram orientação para desempenhar o seu papel, o que gera desespero, angústia e sensação de impotência nos mesmos.⁸

A integração e inclusão em ambientes como a escola demandam uma preparação para a criança e profissionais educadores, uma vez que existem cuidados especiais que não podem ser negligenciados, como a alimentação, atividades físicas, por vezes, medicação e os processos de acolhimento e interativos com as outras crianças. Desse modo, destaca-se que a inexistência de um projeto pedagógico desenhado com base no trabalho em equipe e na colaboração de cada membro desta para o desenvolvimento de atividades adaptadas às singularidades da criança pode facilmente tornar a escola um cenário de insucesso acadêmico com reflexos sociais negativos.⁴

Justifica-se este estudo pela importância de colaborar na sensibilização das escolas e dos educadores para o acolhimento de todas as crianças, independente das suas necessidades especiais, conforme garante a legislação brasileira, com o compromisso de encontrar maneiras para educar e contribuir para que elas venham a desempenhar suas atividades de forma exitosa⁸, na perspectiva da socialização e do desenvolvimento de suas potencialidades. Diante desse contexto, questionou-se: como as mães de crianças com doenças crônicas percebem o papel da escola no provimento das condições para a inclusão dessas crianças no âmbito escolar? Assim, para responder a esse questionamento, objetiva-se:

- Compreender como as mães percebem o papel da escola na inclusão de crianças com doenças crônicas.

MÉTODO

Estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, realizado em um município da Paraíba (PB), Brasil, no período entre junho e julho de 2013. Participaram do estudo mães de crianças com doenças crônicas identificadas a partir de uma consulta prévia aos prontuários das famílias cadastradas nas Unidades de Saúde da Família e que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ser mãe de criança com diagnóstico confirmado de doença crônica e que esteja devidamente matriculada em alguma instituição escolar.

Os dados foram coletados mediante entrevista gravada, guiada por roteiro semiestruturado, contendo a seguinte questão norteadora: Qual o papel da escola no provimento de condições para a inclusão do seu filho? As entrevistas foram realizadas nos domicílios das mães, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e esclarecimento acerca da pesquisa e das implicações quanto à sua participação. O critério de encerramento da coleta de dados foi o de saturação.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e submetidas à análise de conteúdo, modalidade temática categorial⁹, seguindo as etapas operacionais: 1) leitura flutuante, intuitiva ou parcialmente orientada do texto; 2) definição de hipóteses; 3) determinação das unidades de registro (UR); 4) definição das unidades de significação (US) ou temas; e 5) análise categorial.⁹

O projeto de pesquisa obteve parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro, sob o protocolo nº: 12151613.7.0000.5182.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa seis mães com idade entre 25 e 42 anos cuja renda familiar foi inferior a um e meio salário mínimo vigente no Brasil (R\$ 618,00 à época da coleta). As crianças estavam na faixa etária entre 6 e 9 anos, sendo apenas uma do sexo feminino. Os diagnósticos das crianças foram: Neoplasia cerebral, Hiperatividade, Retardo mental, Paralisia cerebral e Autismo, definidos segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID - 10.

A partir das falas das mães foram construídas três categorias temáticas: 1) Escola: elemento favorável para inclusão da criança com doença crônica; 2) O professor: elemento facilitador do processo de inclusão da criança com doença crônica na escola; e 3) Inclusão x integração: caminho a ser trilhado.

♦ Escola: elemento favorável para inclusão da criança com doença crônica

Conviver com a diversidade humana, valorizando as particularidades e diferenças de cada indivíduo e respeitando a igualdade de direitos, é essencial para o pleno desenvolvimento psicossocial de todo ser humano. Com base nesse princípio, a escola se caracteriza como um instrumento de alicerce para construção de uma prática social, implementada a partir do reconhecimento dos talentos próprios de cada ser¹⁰ e ampliada por meio de recursos que venham a estimular o

desenvolvimento das competências e habilidades psicomotoras das crianças.

As mães participantes deste estudo revelam que nem todas as escolas têm oportunizado as condições necessárias para promover a aprendizagem de crianças com alguma condição especial, apesar da disponibilidade de recursos representar uma estratégia de inclusão, visto estimular o desempenho de funções neuropsicomotoras da criança e assim possibilitar mais interação no contexto social.

Na minha opinião, as escolas do município, têm umas que tem mais recursos, aí ele [a criança] se adapta melhor. (E1)

A escola colabora com uma sala própria, a sala de recursos, que é muito importante e é um avanço muito grande para ele [a criança]. Porque ali [na sala de recursos], ele está aprendendo, ele treina a coordenação motora. (E6)

A escola não deveria só tratar bem uma criança especial. Ao contrário, no meu ponto de vista como mãe, a escola deveria preparar as crianças que se acham “normais”, entre aspas que fique bem claro, a aceitar um coleguinha que não seja, entre aspas, normal. Porque é como eu já te disse, o preconceito, às vezes, são os próprios pais que passam para os filhos. (E5)

O entendimento de que a escola deve prover muito além dos recursos físicos é evidenciado na fala de E5 que ressalta a necessidade de valorizar a individualidade das crianças, sem negar suas limitações, uma vez que estas são reais. As mães explicitam a importância de se fomentar na escola a discussão sobre uma sociedade que se adapte para atender às necessidades especiais de seus cidadãos.

Embora isso seja fundamental, estudo revela que muitos professores ainda não têm sido devidamente capacitados para atuar nessas circunstâncias, o que pode ser um entrave para a implementação de determinados recursos para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da criança, dificultando a comunicação e a interação entre estes e demais crianças.¹⁰

Diante das possíveis dificuldades e necessidades especiais que uma criança com condição crônica apresente em sala de aula, faz-se necessário que os educadores sejam devidamente qualificados e disponham de ferramentas essenciais para atender suas particularidades, como a orientação especializada e materiais adequados que lhes possibilitem oferecer condições para o aprendizado dessas crianças.

Para garantia de acesso e permanência regular desses alunos na escola, são

necessárias mudanças na organização das escolas com a inclusão de atividades especializadas, atitudinais, pedagógicas e de comunicação que viabilizem o ingresso das crianças especiais no espaço de ensino independente da sua condição.¹¹

Na escola, diversos são os fatores que contribuem para o êxito no desempenho escolar, sejam relacionados à própria instituição (fatores físicos, pedagógicos e de qualificação docente), à família (nível de escolaridade dos pais, presença dos pais e interação dos pais com escola e deveres) e ao próprio estudante (tempo para realizar as tarefas, capacidade cognitiva, de aprendizagem). Assim, esse cenário, por articular a parceria entre família e escola, favorece a inclusão das crianças com doença crônica, portanto pais e professores precisam estar interligados para discutir sobre as necessidades existentes e, juntos, apropriar-se para construção de alternativas que favoreçam a inserção da criança, o vínculo e a socialização com os seus pares, fortalecendo, assim, o estímulo à permanência no contexto escolar.²

♦ O professor como elemento facilitador na inclusão da criança com doença crônica na escola

Ser professor de crianças com necessidades especiais requer habilidades singulares, como paciência, disponibilidade e sensibilidade para atender às demandas com atenção, sem inferiorizá-la em relação aos demais. Esses profissionais são agregadores essenciais, uma vez que podem oportunizar a inserção total e incondicional das crianças.

As falas das mães demonstram que reconhecem o professor como elemento facilitador no processo de inclusão da criança com doença crônica à escola.

Assim, na escola, a professora dá muita atenção a ela. (E1)

Arrumaram uma professora para ficar com ele. Porque ele não fala, muitas coisas ele ainda leva para a boca, e tem que ter alguém para não deixar fazer isso. (E4)

A professora e a auxiliadora, elas ajudam, e ele [a criança] está de manhã na sala de recurso e à tarde na sala de aula normal. (E2)

Já o dever que é igual ao dos outros ela [a professora] reduz para ele, já para ele fazer. Ele não faz igual aos outros não, mas ele tenta. A professora é bem atenciosa com ele. (E3)

Esses resultados estão condizentes com o que a literatura⁵ evidencia, tendo em vista que o educador deve estar preparado para lidar com situações adversas, devendo, para tanto, ser capaz de elaborar estratégias de

enfrentamento, bem como exercícios que estimulem tanto a coordenação quanto a comunicação a fim de promover a interação com os outros inseridos no contexto, sempre com atitude de respeito às individualidades e limitações de cada aluno.

Contrariamente aos resultados positivos desta investigação, Estudo destacou que algumas crianças hiperativas, por apresentarem dificuldades de concentração, são classificadas pelos educadores como exemplo negativo para os demais colegas, o que contribui para baixa autoestima destas, portanto, faz-se necessária a sensibilização dos gestores para realização de cursos de capacitação e qualificação direcionados aos professores, no sentido de aprimorar suas competências para uma atuação eficiente e que resgate nesses alunos desempenho favorável ao sentimento de que são indivíduos potencialmente capazes e produtivos.¹⁰

Pesquisa acerca das atitudes dos professores perante os aspectos de inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais (NEE) evidenciou que os educadores com formação em educação especial, independente do cargo assumido na escola (administrativo ou docência), foram os mais defensores da inclusão de crianças com deficiência intelectual, visual, audição, fala e alterações de linguagem. No entanto, nem a formação de professores, nem o papel profissional assumido na escola fizeram diferença significativa para o apoio à inclusão de crianças com deficiência física, transtorno do espectro do autismo (ASD), deficit de atenção/hiperatividade (TDAH), dificuldade de aprendizagem específica e os superdotados e talentosos.¹¹

É urgente a formação de professores para lidar com crianças especiais, mas também a sensibilização para a inclusão de todas as crianças, independente de suas necessidades, considerando esse fator imprescindível para promoção da inclusão. Assim, a inclusão de crianças com necessidades especiais poderá ser favorecida pela conformação de um ambiente estruturado com sala de aula adequada, se comparada a outro ambiente que, mesmo lúdico, não oferece os recursos físicos e humanos necessários para as atividades pedagógicas e recreativas, limitando suas oportunidades.¹²⁻³

♦ Inclusão x integração: caminho a ser trilhado

A inserção de crianças especiais na escola perpassa os processos de inclusão e integração, ambos objetivando inserir o aluno ou um grupo de alunos no ensino regular, todavia esses termos apresentam diferenças

com relação ao tempo de ocorrência da ação, sendo considerada integração a entrada daqueles alunos anteriormente excluídos e inclusão o ingresso desde o início da vida escolar.¹⁰

Desse modo, cabe à escola e aos professores atuarem na perspectiva da socialização de alunos com necessidades especiais devendo, para tanto, estarem adequadamente qualificados para trabalhar a inserção da criança, e não a exclusão, porém nem sempre a inclusão e a integração são praticadas na escola, conforme evidenciam as falas das mães:

A turma da tarde é especialmente para isso (para a inclusão), já a da manhã para a normal. (E3)

No horário dele é só ele, não tem outro não. Aí quando tem os outros meninos que também são especiais, que também já falam, a escola aceita que fiquem três na mesma sala. (E4)

Na minha opinião, as escolas do município, umas têm mais recursos, tem gente que se adapta melhor lá. A escola que ele estuda é escola particular, nesse caso de inclusão, eu não vejo muita coisa não (E1)

Essa separação feita pela escola, utilizando-se de ambientes adaptados, entre as crianças ditas normais e aquelas com necessidades especiais é evidenciada pelas mães como normal. Em nenhum depoimento houve questionamentos ou menção no sentido de melhorar as condições para receber seu filho, seja com relação às adaptações do ambiente, seja com exigências feitas pela escola para que seus filhos pudessem frequentar a mesma.

A criação de ambientes especializados, exclusivos para com a participação das crianças com necessidades especiais, favorece a inserção parcial e condicional destas, uma vez que as mudanças visam, prioritariamente, as mesmas. Em contrapartida, a inclusão exige mudanças que beneficiem toda e qualquer pessoa, não fazendo acepção de quem ganha mais, pois todos tendem a ganhar. Tais transformações são de natureza profunda, a sociedade se adapta para atender às necessidades das pessoas com deficiência e, com isso, se torna mais atenta às necessidades de todos.¹³

A inexistência desse entendimento suscita a necessidade de discussão e reflexão por parte dos gestores acerca dessas situações que sinalizam despreparo, falta de qualificação e até mesmo preconceito por parte dos educadores, o que pode implicar em mais sofrimento e traumas para as crianças, diante das necessidades especiais de saúde e limitações para a aprendizagem na escola

regular. Estudo afirma que a superação dessa situação implica em focar na potencialização da participação do aluno com necessidades educativas especiais (NEE) nos diversos contextos e atividades escolares, facilitando seu desempenho e estimulando-o em sua independência e autonomia.¹⁴

A igualdade de condições de acesso à escola e permanência nela é garantida pela legislação brasileira, pela Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), Parâmetros Curriculares Nacionais, Plano Nacional de Educação e através do Decreto nº 6.094/2007. Nessa legislação, reafirma-se a garantia do acesso ao ensino público regular, a permanência nele e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos. Esse processo vai além do simples ato de colocar um aluno com necessidades especiais na escola regular, essa ação implica em um comprometimento coletivo da escola e dos agentes envolvidos, um projeto-político-pedagógico adequado e o planejamento da formação continuada para os profissionais da educação.¹⁵

A condição crônica impõe à criança dificuldades e necessidades especiais, porém não a exclui do direito à educação e à socialização no convívio escolar com outras crianças. Assim, cabe à escola planejar estratégias de inclusão para estas e suas famílias a fim de estabelecer vínculos e interações com a escola, de modo a contribuir para que essas crianças possam ser potencialmente produtivas.

CONCLUSÃO

O papel da escola é prover condições para incluir a criança nas atividades educacionais e estabelecer condições favoráveis para a sua inclusão na sociedade, enxergando e compreendendo suas dificuldades como base para elaboração e planejamento de estratégias que promovam a inclusão desse aluno. Nesse sentido, os resultados deste estudo demonstram a ausência de condições favoráveis na escola que proporcionem a inclusão de crianças com doenças crônicas, incluindo a falta de educadores capacitados e infraestrutura básica para lidar com suas demandas, acarretando prejuízos significativos para criança e sua família.

Apesar de ser uma condição que acomete todas as idades, quando na infância, a doença crônica determina estresse e riscos à criança. Para o escolar que começa a identificar-se entre seus pares, qualquer situação que o exponha como diferente pode gerar

sentimentos de inferioridade em relação ao grupo, passando a constituir um desafio para a inclusão social, que precisa e deve ser enfrentado rumo à superação e realização dessa criança.

A realidade de crianças com condição crônica de saúde na escola revelada pelas mães participantes desta pesquisa suscita reflexões sobre a maneira como as escolas estão enfrentando essa realidade e se as mesmas estão realmente preparadas para desenvolver uma educação inclusiva, além de como as famílias percebem a sua participação nesse processo.

A escola como meio sociocultural fundamental à constituição dos sujeitos deverá promover um ambiente favorável ao desenvolvimento das potencialidades da criança e a inclusão entre seus pares, tendo em vista a diversidade social existente, que favorece a partilha de experiências, a interação, o respeito e a cooperação entre os mesmos. Dessa forma, cabe à escola viabilizar as possibilidades de experiências socializadoras.

Assim, torna-se premente analisar as necessidades das crianças e adaptar projetos pedagógicos compatíveis com as condições educacionais de cada uma delas a fim de terem seu direito à educação garantido, condição essa favorável à efetivação da sua cidadania.

REFERÊNCIAS

1. Trevisana JG, Barba PCSD. Reflexões acerca da atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais. Cad Ter ocup UFSCar [Internet]. 2012 [cited 2015 Apr 13];20(1):89-94. Available from: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/552>
2. Braga TMS, Bonfim DP, Sabbag FD. Necessidades especiais de escolares com diabetes mellitus tipo 1 identificadas por familiares. Rev bras educ espec [Internet]. 2012 Sept [cited 2015 Apr 13];18(3):431-48. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000300006
3. Nascimento EP, Cruz DSM, Lacerda ORM, Souza IVB, Collet N. Experiência da família no convívio com a doença renal crônica da criança. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2012 Apr [cited 2015 Apr 13];6(6):1338-45. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/2513>
4. Rolim CLA. Entre escolas e hospitais: o desenvolvimento de crianças em tratamento

- hospitalar. Rev Pro-posições [Internet]. 2015 Sept/Dec [cited 2016 May 10];26(3):129-144. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072015000300129&script=sci_abstract&tlng=pt
5. Carter KS, Roberts MC. A systematic and qualitative review of interventions to facilitate school reentry for children with chronic health conditions. Journal of pediatric psychology [Internet]. 2012 June [cited 2016 May 10];37(10):1065-75. Available from: <http://jpepsy.oxfordjournals.org/content/37/10/1065.full.pdf+html>
6. Costa EAO, Dupas G, Sousa EFR, Wernet M. Doença crônica da criança: necessidade familiares e a relação com a estratégia saúde da família. Rev Gaucha enferm [Internet]. 2013 Sept [cited 2015 Apr 13];34(3):72-8. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000300009
7. Luza A, Silva E, Cecchetto F. Sentimentos e dificuldades enfrentadas por mães de crianças com necessidades especiais. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2011 July [cited 2015 Apr 13];5(6):1367-73. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1636>
8. Vital LMA, Pires MDE, Alves LM. Inclusão social nas escolas regulares: principais dificuldades enfrentadas pela equipe escolar. Rev profissão docente [Internet]. 2010 Jan/June [cited 2015 Apr 13];10(21):107-26. Available from: <http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/211>
9. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
10. Camargo SPH, Bosa CA. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia e sociedade [Internet]. 2009 Jan/Apr [cited 2015 Apr 13];21(1):65-74. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf>
11. Lee FLM, Yeung AS, Tracey D, Barker k. Inclusion of Children With Special Needs in Early Childhood Education: What Teacher Characteristics Matter. Topics in Early Childhood Special Education [Internet]. 2015 Aug [cited 2016 May 11];35(2):279-88. Available from: <http://tec.sagepub.com/content/35/2/79.full.pdf+html>
12. Martinez CMS, Santos JLF. Participação de crianças com paralisia cerebral nos ambientes da escola. Rev bras educ espec [Internet]. 2012 Mar [cited 2015 Apr 13];18(1):33-52. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_ar

[ttext&pid=S1413-](#)

[65382012000100004&lng=en&nrm=iso](#)

13. Holanda ER, Collet N. As dificuldades da escolarização da criança com doença crônica no contexto hospitalar. Rev esc enferm USP [Internet]. 2011 [cited 2015 Apr 13];45(2):381-9. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000200012

14. Oliveira PMR, Dutra LR, Melo PPT, Rezende MB. Facilitadores e barreiras no processo de inclusão escolar. Rev Ter Ocup Univ São Paulo [Internet] 2015 [cited 2016 May 11];26(2):186-93. Available from:

<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/59428/101609>

15. Saldanha SN, Garcia CAX, Zaupa p. A Inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na prática pedagógica de uma escola municipal do município de Vila Nova do Sul. Rev Monografias Ambientais [Internet]. 2015 [cited 2016 May 11];14:143-54. Available from:

<http://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/20646/pdf>

Submissão: 23/05/2016

Aceito: 08/02/2017

Publicado: 01/03/2017

Correspondência

Maria Benegelania Pinto

Rua Carlos Sérgio da Silva Brandão, 37, Ap. 301 B

Bairro Jardim Cidade Universitária

CEP: 58052-136 – João Pessoa (PB), Brasil

Português/Inglês

Rev enferm UFPE on line., Recife, 11(3):1200-6, mar., 2017